

## Rumo aos anos de chumbo

*Enquanto nos países desenvolvidos a juventude reinventava a liberdade e rompia com velhos costumes, no Brasil ela se defrontava com uma ditadura insensível aos anseios populares*

Ao referendar mais uma vez o que mandava o Alto Comando das Forças Armadas, o Congresso Nacional elegeu o general Artur da Costa e Silva para a presidência da República, tendo como vice o civil udenista Pedro Aleixo, num governo que teve início em março de 1967. O novo presidente não pertencia ao grupo de intelectuais, mas era dono de uma carreira militar sólida, adorava corridas de cavalos e concentrava em sua pessoa as esperanças das Forças



Armadas. Eram forças contrárias à aproximação com os Estados Unidos e às facilidades concedidas aos capitais estrangeiros. Desde a escolha do ministério, Costa e Silva descartou o grupo de seu antecessor e deu um rosto bem mais militar ao ministério, cedendo aos civis apenas as pastas da Fazenda e do Planejamento, que ficaram com Antônio Delfim Netto e Hélio Beltrão, respectivamente. Costa e Silva não era um simples instrumento de grupos militares radicais, e tentou, de início, evitar o uso do arbítrio, com o que a oposição se rearticulou e teve início o estranhamento entre o governo e a Igreja, particularmente o setor desta chamado de progressista, adepto da Teologia da Libertação. Os estudantes também começaram a se reorganizar em torno da União Nacional dos Estudantes (UNE).

## 1967

Nas Bahamas o primeiro governo negro assume o poder. O fundador do Partido Nazista Americano, George Rockwell, é assassinado. O general Nguyen Van Thien é eleito presidente do Vietnã do Sul. Intensifica-se o bombardeio do Vietnã do Norte pelos EUA. Inimigos históricos fizeram alianças, como Carlos Lacerda, João Goulart e Juscelino Kubitschek, dando início à Frente Ampla, que tinha o objetivo de lutar pela redemocratização e pelos direitos dos trabalhadores.

Foi essa conjuntura que transformou 1968 em um ano ímpar. Os Estados Unidos presenciaram as grandes mobilizações contra a Guerra do Vietnã. Na França os estudantes foram às ruas declarando que era proibido proibir. Começavam, também, os movimentos pela liberação sexual e da emancipação da mulher. Foram incontáveis as greves no período; no Brasil, a de Osasco, realizada em julho de 1968, contou com a presença, ao lado dos metalúrgicos, de militantes de esquerda que tinham aderido aos setores mais radicais da resistência à ditadura. Esses grupos, que tendiam a aderir à luta armada, eram

influenciados pela Revolução Cubana e pelo surgimento de guerrilhas em vários países da América Latina, como a Guatemala, Colômbia, Venezuela e Peru. Em 1967 o intelectual francês Régis Debray publicara *Revolução na Revolução*, obra na qual defendia a ideia de que um movimento socialista revolucionário só poderia ter condições de êxito caso um coeso grupo revolucionário instalasse um foco de poder a partir do qual irradiaria, aos poucos, a revolução mediante o apoio progressivo das classes dominadas e implementasse suas ações até conquistar o apoio das classes dominantes. O PCB era contra.



O PCB não concordava com a teoria do foco de poder e da luta armada, mas em seu interior o

grupo liderado por Carlos Marighella acabou formando a Aliança Libertadora Nacional (ALN), que aderiu à luta armada, no que foi seguida por grande número de organizações clandestinas.

Os grupos adeptos da luta armada promoveram uma série de assaltos a fim de angariar fundos para a causa. Em consequência disso a linha dura das Forças Armadas tomou a iniciativa e buscou jogar a opinião pública contra essas organizações, tachadas de terroristas, e seus aliados. O endurecimento do regime foi justificado por um fato irrelevante, envolvendo um discurso relativo à parada militar de 7 de Setembro proferido pelo deputado Márcio Moreira Alves, emedebista. O parlamentar aproveitou para sugerir às mulheres que se recusassem a namorar oficiais que participassem da repressão e de atos de violência. O grande público não tomou conhecimento do discurso, mas os militares, sim. Os ministros tardados requereram ao Superior Tribunal Federal que abrisse processo criminal contra Moreira Alves por ofensas à honra e à dignidade das Forças Armadas. Era preciso, no entanto, de licença do Congresso, pois a Constituição de 1967 estabeleceu a imunidade dos parlamentares. De forma surpreendente, o Congresso negou-se a cumprir a ordem de suspender as imunidades de Márcio Moreira Alves por 216 votos a 141. No dia seguinte ao da votação, 13 de dezembro de 1968. Costa e Silva baixou o AI -5, fechando o Congresso.

*Na seqüência de fotos, as várias formas de repressão militar contra passeatas e reivindicações.*



Abri! Imagens



Dámas Assis/ABIS / SP



Abri! Imagens



Abri! Imagens